

CISNEROS, Miguel, ed. (2021) – *Imitaciones de Piedras Preciosas y Ornamentales em Época Romana: Color, Simbolismo Y Lujo*, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 299 pp. ilustradas (*Anejos de Archivo Español de Arqueología*, XCIII), ISBN: 978-84-00-10896-0

http://doi.org/10.14195/1647-8657_61_12

Contrariamente ao que estamos habituados a ver em atas de jornadas arqueológicas, estes anexos do *Archivo Español de Arqueología* não são uma mera compilação de dados brutos e por vezes desconexos, mas sim o resultado de um profundo trabalho de pesquisa baseado numa reflexão teórica prévia. Aqui, não se procura apenas dar voz aos materiais arqueológicos, mas sobretudo interrogá-los com novas linguagens e novas ferramentas. Tal exercício só pode ser feito no âmbito de um projeto ambicioso de investigação científica transdisciplinar, com financiamento público e com recurso a uma sólida equipa de investigadores internacionais que procurou cruzar o estudo das fontes históricas com os dados arqueológicos e o apoio da arqueometria. Este projeto tem a enorme vantagem de se debruçar sobre materiais arqueológicos tidos como luxuosos e que costumam estar ausentes da maior parte das publicações de divulgação arqueológica, pelo simples motivo de que são extremamente raros ou mesmo inexistentes em contexto arqueológico, o que não significa, de todo, que estivessem ausentes do quotidiano das populações em época romana.

A publicação em análise faz parte do projeto FIVILA (acrónimo de *Ficta vitro lapis*), um projeto de investigação financiado pelo Ministério da Ciência e Inovação espanhol com fundos do programa europeu FEDER. Nela são apresentados os resultados do próprio projeto, nomeadamente as contribuições dos membros participantes na equipa de investigação, em conjunto com as contribuições de outros investigadores de diferentes países que se juntaram ao primeiro núcleo de investigadores nas jornadas científicas realizadas entre os dias 15 e 16 de novembro de 2018 no Museu de História de Barcelona. Miguel Cisneros, Professor do Dep. de Ciências Históricas da Universidade da Cantábria, é o editor da publicação e coorganizador científico das Jornadas em conjunto com Emili Revila do MUHBA. É também ele o autor da introdução e coautor de dois dos artigos.

Do ponto de vista gráfico, a publicação não difere de outras da especialidade, apresentando o clássico formato A4 com paginação a duas colunas e ilustrações a cores que, não sendo de muito boa qualidade, satisfazem os pro-

pósitos e, além disso, têm a enorme vantagem de estarem junto do texto. Mais do que noutras publicações de Arqueologia, teria sido importante assegurar uma excelente qualidade das ilustrações para que fosse possível reproduzir, o mais fielmente possível, as cores originais do vidro e das pedras preciosas e ornamentais, mas percebe-se a dificuldade em assegurar um elevado padrão de qualidade e homogeneidade de ilustrações numa obra como esta com distintas contribuições. Quanto às ilustrações escolhidas para a capa, elas cumprem bem o objetivo de ilustração do tema abordado, mas falham redondamente na tentativa de fazer um compromisso entre cuidado gráfico e ilustração científica, já que nem resultam numa composição esteticamente apelativa nem respeitam a escala dos diferentes objetos, dando a falsa impressão que se trata de artefactos com as mesmas dimensões.

A obra começa com dois artigos que procuram fazer o enquadramento dos temas propostos a debate. O primeiro é da autoria de Amanda Claridge (pp. 19-25), que estabelece alguns dos conceitos em análise e que irão sendo retomados pelos restantes autores, como é o caso de cópia e esqueumorfismo (princípio do design em que os objetos derivados retêm ornamentos ou estruturas que eram necessárias apenas nos objetos originais). É interessante perceber que a questão inicial, lançada por Amanda Claridge, é porventura a questão fundamental e aquela que dificilmente algum dia virá a ter uma resposta clara e definitiva. A dificuldade está em saber se aquilo que os olhos modernos vêm como imitações não seriam melhor entendidas como verdadeiras criações com o seu próprio lugar na hierarquia do valor material das coisas. O segundo artigo, da autoria de Miguel Cisneros (pp. 27-49), Esperanza Ortiz e Juan Paz, é um trabalho de fôlego que procura enquadrar o vidro de luxo e a sua relação com outros materiais luxuosos, no quadro geral das transformações económicas e sociais ocorridas ao longo da época romana. Ele oferece-nos uma visão extremamente interessante e inovadora da relação entre produções de vidro de luxo e os períodos de paz e prosperidade, interrompidos por eventos disruptivos como guerras e pandemias (um tema que ganhou atualidade).

Seguem-se quatro artigos que se centram essencialmente no conceito de esqueumorfismo aplicado às pedras preciosas e ornamentais. Simona Perna (pp. 55-76), ao analisar diversos exemplos de vasos romanos em pedra, consegue refutar a ideia de que os esqueumorfos resultam sempre em imitações baratas de bens de prestígio. Por vezes o caminho pode ser o inverso, mas o que verdadeiramente faz a diferença são as propriedades físicas e técnicas dos materiais e a capacidade do artesão em tirar partido dessas propriedades. O facto de o vaso de pedra imitar um simples cesto de vime ou um precioso vaso em prata é de algum modo secundário. Fabricio Slavati (pp. 79-87) analisa um conjunto de taças e pratos de pedra de grandes dimensões, em que o valor não depende tanto da decoração, praticamente ausente nestas peças, como do prestígio do material, da sua cor e das dimensões excepcionais das peças. Pilar Caldera de Castro (pp. 89-103) debruça-se sobre o caso específico do cristal de rocha a partir de uma coleção do Museu Nacional de Arte Romano, de

Mérida, dando particular ênfase ao caráter simbólico e mitológico deste mineral que acabou por ser estendido às suas imitações em vidro incolor. Anna Gutiérrez Garcia (pp. 105-119) centra-se noutra caso particular de uma rocha ornamental, neste caso de um mármore hispânico conhecido como *broccatello di Spagna* ou *jaspi de la Cinta*, extraído nas proximidades da atual Tortosa, Catalunha. Se o cristal de rocha brilhava pela transparência e ausência de cor, o *broccatello* distingue-se pelo seu forte cromatismo, porventura o mais representativo e conhecido de todos os *marmora* hispânicos.

Temos depois dois artigos dedicados ao uso conjunto do vidro e mármore em contexto arquitetónico. Eleonora Gasparini (pp. 125-149) apresenta alguns exemplos de revestimentos parietais e de pavimentos de época imperial, amplamente ilustrados e comentados, em que o vidro é usado em complemento ao mármore ou mesmo em sua substituição. Patrizio Pensabene (pp. 155-168) por sua vez dedica o seu artigo às colunas de Constantinopla apresentando entalhes de vidro, pedras preciosas e mármore. Este é talvez o caso menos conhecido, mas mais surpreendente e extravagante no que toca ao uso destes materiais.

Nos três artigos que se seguem volta-se a dar a atenção ao esqueuorfismo e às imitações em vidro, mas desta vez com destaque para as imitações de pedras preciosas. Jean-Pierre Lobbing (pp. 171-184) começa por explorar o conceito de esqueuorfismo aplicado a alguns exemplos de vasos de vidro imitando pedras preciosas ou semipreciosas. Além dos exemplos já tratados por outros autores, como o cristal de rocha e o vidro dicróico, o autor apresenta-nos casos de vidro imitando *vasa murrina*, florita, jaspe vermelho, obsidiana/azeviche, calcedónia e esmeralda. Nova Barrero Martín (pp. 189-198) dedica o seu estudo às imitações de pedras preciosas em vidro usadas em adorno pessoal a partir de exemplos de *Augusta Emerita*. São apresentados exemplos de contas de colar e entalhes/pedras de anel encontrados em Mérida. Fechando a trilogia, Miguel Cisneros (pp. 201-228), Emili Revilla e Laura Suau apresentam exemplos procedentes de *Barcino*, pertencentes à coleção do MUHBA. Sendo um estudo feito no âmbito do projeto FIVILA, este artigo revela-nos um conjunto inédito e bastante significativo de fragmentos de recipientes encontrados nas escavações urbanas de Barcelona, constituído tanto por vidro monocromático, nomeadamente imitações de lápis-lazúli, ametista, obsidiana e âmbar, como por vidro policromático, como o jaspe, as ágatas e os vidros marmoreados e mosaico.

Depois desta viagem pelo luxo das “falsas” pedras preciosas regressamos ao tema da arquitetura pela mão de Simon Barker (pp. 233-264) e Devi Taelman que nos falam da pintura imitando mármore e da economia do mármore no período romano a partir de exemplos de Pompeia. Este é o único artigo que não aborda diretamente a relação das pedras preciosas e semipreciosas com o vidro, mas fornece-nos uma ampla e bem documentada perspectiva do uso do mármore e das pinturas imitando mármore durante o período que vai de 150 a. C. a 79 d. C. A principal conclusão (que quase poderíamos extrapolar para as imitações de pedras preciosas em vidro) é a de que: à medida que Pompeia vai

ganhando maior acesso a pedras importadas, durante o período Júlio-Cláudio, a variedade de pedras que vão sendo imitadas nas pinturas também aumenta, o que contraria a ideia pré-concebida de uma correlação negativa entre mármore e pintura.

O volume termina com dois artigos dedicados à tecnologia do vidro, um abordando a questão das técnicas de fabrico e o outro a composição química de algumas cores usadas na imitação de pedras preciosas. Alfredo Encuentra Ortega (pp. 271-281) aborda os processos de lapidação do vidro na Antiguidade com base nas expressões *torno terere* e *argenti modo caelare* usadas por Plínio-o-Antigo. Neste artigo fica esclarecido de forma convincente que a expressão *torno terere* não se aplica ao fabrico de peças sobre torno de oleiro, como tinha vindo a ser defendido por diversos autores (nos quais eu me incluía) mas sim à lapidação geométrica ao torno, enquanto a expressão *argenti modo caelare* se referirá à lapidação figurativa. Jesús Setien (pp. 283-298), fecha a publicação com uma série de análises químicas a amostras de vidros esquelomorfos recolhidas nos museus de Mérida, Barcelona e Saragoça no âmbito do projeto FIVILA. Assinala-se o rigor na descrição das amostras e na apresentação dos procedimentos analíticos, mas lamenta-se o pouco desenvolvimento dado à discussão de resultados, nomeadamente no que toca à relação entre a composição química das cores dos vidros analisados e as respetivas imitações de pedras preciosas. Afinal, o objetivo principal de todo o projeto.

Mário da Cruz

Ex-investigador VICARTE (Vidro e Cerâmica para a Arte) da Universidade Nova de Lisboa. Especialista em vidro antigo.
mariodacruz@hotmail.com